

## "Le Quartier"

João Sette Whitaker Ferreira

Quem mora nas redondezas do bairro da Vila Nova Conceição, em São Paulo, pode ter uma boa idéia do ponto a que chegaram a concentração de renda e o apartheid social neste país. Os prédios, é claro, impressionam. Dizem que alguns, lares de atores e famosos, com vista para os famosos, com vista para o Parque do Ibirapuera, chegam a custar milhões. De dólares, é claro. Mas o que incomoda não é exatamente o visual desses fantásticos prédios. O que nos faz sentir estranhos é o incessante balé dos carrões e das peruas em suas importantíssimas atividades cotidianas.

Há os restaurantes descolados. Segundo dizem, alguns dos mais caros de São Paulo. Uma quarta ao meio-dia tem a aparência de um domingo ensolarado. Em frente às mesinhas colocadas na calçada, jovens de boa aparência estacionam motonas importadas, e observam as garotas chegando a bordo de seus jipes e Mercedes. Não convém passar na calçada, menos ainda de bicicleta, calção e camiseta. Os olhares desaprovadores são imediatos. Como pode alguém imiscuir-se assim sem menos?

Mas até aqui, nada de diferente do que se pode observar em outros bairros por aí. Na Vila Nova Conceição, tudo é apenas um pouco mais exagerado. Assim como o são as lojas. Quem passa pela rua, à princípio, nada percebe. Estranha apenas a quantidade de casarões, e a intensa movimentação de carrões frente à elas. Mini- congestionamentos de Mercedes, é claro, é claro, às três da tarde de uma quarta-feira. São palacetes de muros altos, com uma ou outra abertura, portões de ferro, bem guardados por "armários" com o indefectível paletó azul marinho. Ao aproximar-nos, percebemos que há nessas passagens um entra-e-sai constante. Loiras tingidas, de cabelos armados e brilhantes pendurados, saem com sacolas abarrotadas, mandam três ou quatro beijos às amigas que estão entrando naquele momento e correm para o carrão, que já as espera, de motor ligado, motorista de prontidão. Outro dia resolvi chegar mais perto, apesar dos olhares cheios de menosprezo dos "armários" de plantão: percebi do outro lado dos portões que as mansões eram lojas. Chiquérrimas. Pela fresta das janelas percebiam-se estantes abarrotadas de produtos de primeiríssima qualidade. Na porta interna, os nomes mágicos: Dolce & Gabbana, Daslu, Gucci. Não fiquei lá muito tempo: uma senhora, de Mercedes último ano, parou no meio da rua, emperrando o trânsito. Meteu a mão na buzina, e só a soltou quando um "armário" veio, às pressas, abrir-lhe a porta. Sai mais rápido ainda, com medo que a senhora me tomasse por algum marginal, um sem-teto, ou algum outro nefasto representante desse "*disgusting*" mundsgusting" mundo real que ela as vezes deve ver pela televisão.

Há no centro do “quartier”, como gostam de chamá-lo seus habitantes, uma linda pracinha. Cheia de babás, todas impecavelmente uniformizadas. Passeiam os bebês lindos e loiros de suas patroas. Na pracinha, há também congestionamentos. São carrinhos elétricos, toncas importadas, motinhos de verdade. A mais alta tecnologia em brinquedos. E, é claro, há os “armários”. Sempre com o terno azul, em geral um pouco grande. Andam para lá e para cá, mal escondendo o coldre atravessado no peito. Não são polícias, mas é como se fossem. São a lei, a lei dos ricos, mesmo eles sendo pobres. Estão na calçada, na via pública. Olham feio para qualquer um que chegue um pouco mais perto das ostensivas grades eletrificadas, dos portões duplos e das guaritas sombrias. Principalmente se esse qualquer um for preto, como eles, e mais ainda se for pobre, como eles. Há essa incrível característica dos guarda-costas e das babás de gente rica, de se considerarem, por suas importantes funções, acima de todos e de todas. Incorporam, como primeiro dever de sua função, a petulância e a prepotência de seus patrões.

Outro dia estava na pracinha, aproveitando o sol de meio-dia com minha pequena família. Somos brancos, de classe-média. Nunca somos incomodados. De repente, atravessaram a pracinha dois alegres garotinhos, de uns oito ou nove anos. Não estavam mal vestidos, mas suas roupas eram batidas. E, é claro, eram pretos. Estavam voltando comportadamente da escola, uma escola pública que inexplicavelmente ainda perdura no coração do “quartier”. Certamente não desconfiavam de seu único e grave erro: eram pretos e pobres, e não estavam onde deviam. Passaram-se poucos minutos até que chegasse uma viatura da polícia. Desceram dois PMs, que imediatamente abordaram os dois meninos, assustados. Os “armários” não tardaram a aparecer. Surgiram do nada, dos quatro cantos da praça. Excitadíssimos com a “ocorrência”. Falavam-se pelo rádio. Nós olhávamos assustados, temerosos em prever até onde iria essa intimidação, esse desrespeito ao Estatuto da Criança, que eles, certamente, desconheciam. Felizmente, foram rápidos. Mandaram os meninos apressarem o passo. Lá não era área para eles ficarem. Os “armários” continuaram por lá. Enchiam o peito ao conversar com os PMs. Estavam orgulhosos. A Vila Nova Conceição podia descansar em paz. O perigo havia sido afastado.